

Ficou para trás o tempo dos gatos

▶ Onde antes havia apenas ligações ilegais de energia, agora existem postes de metal

✍ Eduardo Trindade

Foi-se o tempo em que gato era mato na Brás. Não os que miam ou os que roubam. O que finalmente acabou foram as ligações ilegais de luz, pelo menos entre as ruas 23 e 26. Os perigosos gatos de energia eram tantos

que foram tema de reportagem de capa do Enfoque Vila Brás no semestre passado.

O tesoureiro da Associação de Moradores, Luis Pacheco, o Cabeça, diz com orgulho que não tem mais gato na Brás. “Pode conferir, não tem mais mesmo. Se tiver, tá errado.” De fato, as ruas antes abandonadas e

cheias de ligações clandestinas, agora possuem postes em cada casa, trazendo luz legal e segura para os moradores desta região mais afastada da vila.

O pedreiro Valério da Silveira de 44 anos, que mora no número 295 da rua 23, numa das casas mais bem cuidadas da rua, lembra que no final do ano passado a AES Sul veio ao bairro e negociou com os moradores. Ficou combinado que, para a eliminação dos gatos, seriam instalados os postes antes.

Juarez Melo da Silva, que é morador do número 280 na mesma rua e que trabalha com serviços gerais, bate no peito e se diz um homem de muita sorte. Tudo porque ele veio de Sapiranga para a Brás no final do ano passado, com a família, e já chegou com eletricidade legalizada em sua casa. “Sou sortudo”, conta sorrindo. Ele reclama apenas que a luz ainda não veio para a rua. “Eles colocaram os postes para puxar luz para as casas, mas ainda não botaram luz nos postes da rua.”, reclama o sortudo.



SEGURANÇA: com a mudança, riscos de acidentes reduziram

✍ Eduardo Trindade

Projeto convida garotada para jogar



✍ Claudio Hatje

Meninos têm preparação física antes de começar o jogo

✍ Pauline Costa

Adelmo Oliveira, de 68 anos, é o técnico convidado pela Prefeitura de São Leopoldo para realizar, na Brás, o projeto Em Cada Campo uma Escolinha. A iniciativa conta com a participação dos alunos da Escola João Goulart. Entre eles estão Gabriel Ferreira Brás, de 11 anos, Mateus Eduardo dos Reis Brás, 10 anos, e Cleiton Pornh, 12 anos. Os três meninos dizem gostar muito de futebol e sonhar em seguir carreira como jogadores.

Os jogos estão ocorrendo há apenas três semanas. No amistoso realizado no sábado, dia 21, esteve presente o técnico da categoria Sub-12 (nascidos em 1997)

do Sport Club Internacional de Porto Alegre, Sandro Resende, de 32 anos. Sandro mandou e-mails para as prefeituras da região metropolitana interessadas em mostrar seus jogadores mirins e a Secretaria de Esportes de São Leopoldo retornou mostrando interesse. O técnico do Inter apareceu neste amistoso para observar possíveis novos talentos para levá-los a participar de equipes competitivas no Internacional.

Os interessados devem entrar em contato com a Secretaria de Esportes de São Leopoldo para obter maiores informações, ou comparecer no campo Santos Dumont enquanto as aulas estiverem ocorrendo.

Crônica

✍ Anaiara Ventura

Quem chega à Brás se sente acolhido

Quem vai pela primeira vez na Vila Brás não tem noção do que vai encontrar. Sabe-se mais do contexto social, do seu crescimento, de sua história contada no Enfoque todos os semestres, mas isso não é nada, perto da cultura de amizade e respeito que se pode perceber lá dentro.

Visitei algumas casas para saber mais sobre os alunos do projeto Coruja, que alfabetiza adultos em São Leopoldo. Quando cheguei na primeira, observei que havia um grande jardim e olha só: plantas em vasos sanitários e flores em pneus velhos. Quem plantou, soube reciclar.

Perto da porta de entrada

da casa de dois cômodos ouço um “Pode entrar, a mãe tá doente no quarto.” A voz é de Geison, 16 anos, um dos filhos de Dona Floraci, ou Flor, se é que posso chamá-la assim. Não me conhecia, mas me recebeu como a uma amiga.

Flor estava mesmo na cama. Havia queimado a perna na moto de outro filho. Desculpou-se pela bagunça da casa. A filha menor já saiu falando que estava fazendo aniversário naquele

dia – 9 anos - e a tudo que eu perguntava ela respondia primeiro. Sabida das coisas da vida era a menina Jéssica.

A tristeza maior de Flor não era pela perna, e sim por não poder construir (como estava previsto para o dia) uma casinha no terreno da “invasão” que estava segurando para um dos quatro filhos. Ela estava vivendo já há três semanas literalmente atolada naquele banhado, como descreveu, e, agora, doente, as

amigas iam cuidar para que não perdesse a oportunidade. “Tem terreno sobrando, vou gastar pra aterrar.”

Depois fui procurar a casa do seu Miguel, que me disseram tinha estudado e completado o Coruja. Ele apresentou seus cinco filhos, a nora grávida e a esposa: “Minha eterna namorada”. Foi na roda de chimarrão na ampla cozinha que mostrou seus trabalhos de aula, letra bonita e curvada. Um ho-

mem com vida simples: vai ao culto da igreja, trabalha num curtume, ama a família, se dá bem com os vizinhos. Estuda porque quer melhorar de vida. Seu sonho é comprar um terreno, claro que na Brás, mas com espaço para o quintal. Certamente para cultivar a vida que tinha no interior, em Porto Xavier, perto da Argentina.

A característica humana e afetuosa encontrada na Brás é fruto muito provavelmente das diferentes cidades do interior de onde vieram a maior parte de seus moradores. E isso faz da Brás uma Vila diferente. Quem chega se sente acolhido, quer participar.